

GALILEU GALILEI X IGREJA CATÓLICA

Refutação ao padre José Bernard S. J. - 1954 - GALILEU
GALILEI à luz da História:

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos, reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

M543

de Cristo, Escriba, 1969
Galileu Galilei X Igreja Católica

Itariri / SP, Amazon.com Clubedesautores.com.br,
2020
108 p. ; 21 cm

ISBN-13: 9798616964496

1. Galileu Galilei 2. Igreja Católica Romana 3. Santa
Inquisição 4. Astronomia 5. Ciências I - Título

CDD 520 / 270

CDU 27 / 52

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CGC 66.504.093/0001-08

INTRODUÇÃO DO ESCRIBA DE CRISTO

Este livro contém meus comentários sobre a abordagem que o padre José Bernard fez sobre os processos da Inquisição Católica contra Galileu Galilei. O documento objeto desta crítica foi publicado em 1954 com o título de GALILEU GALILEI À LUZ DA HISTÓRIA. O texto do padre José Bernard é bem fundamentado nos traz compreensão sobre a personalidade de Galileu que era de fato briguento e do tipo de pessoa que causa polêmica, ele também não era honesto em tudo, havendo controvérsias sobre descobertas científicas atribuídas a Galileu, mas na soma dos fatos, temos que reconhecer que Galileu foi um dos maiores cientistas da humanidade.

Ao longo do texto vou entrando em embate mais caloroso com o padre José Bernard porque percebo que em vez dele assumir que o processo da Inquisição Católica contra Galileu foi um dos pecados inesquecíveis da Igreja Católica Roman, o padre José Bernard passa a responsabilizar Galileu por um dos maiores escândalo da Igreja Católica que foi condenar um cientista que defendia e provou cientificamente o modelo do sistema heliocêntrico contrariando a crença da terra estacionário e de modelo geocêntrico. É o mesmo que culpar a prisão pelo policial que prendeu o criminoso, em vez de responsabilizar o criminoso pelo seu desfecho trágico.

O padre José Bernard à medida que vai desenvolvendo os fatos históricos da biografia e obra de Galileu vai fazendo ataques pessoais contra Galileu, acusando de imoralidade sexual, fraudes, descontrole emocional, mas tudo isto não invalida que Galileu fez a

humanidade dar um salto imenso quando ele inventou o telescópio e abriu a janela do universo para os homens. Lamentável que a Igreja Católica queria ditar a regra para o que a ciência podia ensinar ou não e como esta instituição atrapalhou o desenvolvimento da humanidade.

Os tempos eram de mudanças em todos os setores da humanidade: Na teologia vários movimentos protestantes surgiam por todo lado, na ciência surgia Copérnico, Galileu, Giordano Bruno, Kepler, no campo das navegações foram descobertas novas terras, foram cem anos de muitas mudanças que marcaram o fim a Idade Média e início da Idade Moderna. Não teve jeito, Galileu ajudou o movimento mundial que derrubou a tirania da Igreja Católica na Europa, ao mesmo tempo que deu o pontapé para a revolução científica que não tem mais encontrado limites. Jesus nunca mandou seus apóstolos queimarem na fogueira os que não concordassem com a mensagem do Evangelho. A igreja Católica extrapolou a ordem de Cristo, e hoje é mal vista por cristãos, e não-cristãos.

INTRODUÇÃO DO PADRE JOSÉ BERNARD

O interesse que levantou a condenação eclesiástica do físico e astrônomo pisano Galileu Galilei, o famoso "Caso Galilei", é manifestado pela literatura que provocou e ainda suscita em todas as línguas culturais. Quando, no século passado, a cúria romana franqueou as atas dos processos de 1616 e 1632, quase imediatamente e no mesmo ano de 1877, os documentos principais foram publicados em três línguas: alemã, francesa e italiana.

Desde então propriamente não se pode mais falar de "Questão Galilei", pois todos os fatos estão à luz do dia. Sem falar dos inúmeros ataques à Igreja Católica, onde domina a má fé, podem-se apontar numerosos estudos bem documentados, que levam ao público o conhecimento do caso.

Os trabalhos mais valiosos apareceram em língua alemã. Além das atas do processo e posteriores à sua publicação, conhecemos do século passado o estudo criterioso de G. Schneemann sobre Galilei. Adolfo Mueller escreveu sobre Copérnico, com referência ao caso Galilei, e publicou outros estudos sobre os argumentos galileianos das manchas solares (1897) e das marés (1899).

O mesmo autor, que se revela abalizado matemático e astrônomo, editou no princípio deste século XX um trabalho valioso sobre Kepler (1903), e outro sobre Galilei. Este importante estudo do caso Galilei, de quase

400 páginas (Editora Herder, Friburgo, B. 1909), baseia-se na grande coleção de documentos sobre Galilei, editada por Antônio Favaro em Florença (1890-1907), sob os auspícios do rei da Itália; em 20 tomos in-fólio. A cúria romana abriu generosamente seus arquivos e no tomo XIX, Favaro deu pela primeira vez uma edição completa dos documentos da Inquisição Romana sobre Galilei.

Alguns decênios mais tarde (1927 e 1929) a monumental obra da História dos Papas de Ludovico von Pastor incluiu os processos de Giordano Bruno (tomo XI) e Galilei (tomos XII e XIII). O mesmo fazem historiadores como G. Schnuerer (História da Igreja Católica no tempo do barroco 1937), K. Eder (1949) e as enciclopédias. Trabalho de menor extensão sobre Galilei apareceu recentemente nos fascículos editados pela Specola Vaticana. Outro maior, que porém reprovamos, foi publicado por Frederico Dessauer.

O presente estudo baseia-se na literatura acima mencionada, incluindo ainda alguns dados de outras fontes. Como no Brasil nunca apareceu um trabalho de maior vulto, tratamos de preencher modestamente tal lacuna, relatando e documentando por citações autênticas o curso histórico da questão. O caso Galilei não é ignorado no Brasil, porém os comentários que se fazem têm como fontes principais o ataque do espírito Camille Flammarion - pelo que lhe dedicamos especial atenção - e a fonte turva do romance aleivoso de Zsolt Harsanyi, que caracterizamos no fim.

Possa o trabalho concorrer para facilitar a consideração histórica do célebre caso, remover preconceitos e espargir luz onde até hoje as nuvens escureciam o sol da verdade!

O DESCOBRIDOR

Quem não ouviu falar de Galileu Galilei? O grande sábio, o gênio turbulento, matemático, físico, astrônomo, observador e pensador, lutador vitorioso e derrotado, promovendo a ciência e sucumbindo a erros, entregue a altas contemplações e inclinado aos prazeres da vida, admirado e louvado, criticado e acusado, elevado aos fastígios da glória e humilhado como réu e criminoso. Como sua vida está cheia de estranhos contrastes e contradições, também o é sua memória na história. Seus admiradores o exaltam, seus adversários o condenam. Boa e má fé se misturam, como também os fatos históricos se entremeiam com lendas. O que devemos pensar deste homem enigmático?

A esta pergunta não é possível responder em poucas palavras. O presente trabalho procura elucidar o "Caso Galilei", expondo e ponderando os fatos históricos, tirados de documentos originais e transmitidos por testemunhas fidedignas. Ouvindo as próprias palavras de Galilei e dos mais atores da tragédia, ser-nos-á possível separar a lenda da verdade e formar um juízo seguro e justo. Galileu Galilei nasceu no ano de 1564 em Pisa, na Itália, da família dos Galilei e, segundo uma praxe do

tempo, deram-lhe o mesmo nome, em forma um pouco alterada. Com 25 anos tornou-se professor na cidade natal e três anos depois na célebre universidade de Pádua, onde em breve foi admirado tanto pelo talento como por suas descobertas e invenções no domínio da física. Em 1610 o grão-duque de Florença chamou Galilei para a cidade dos Medici e o nomeou matemático da corte, com o elevado ordenado de 1.000 florins-ouro.

Muitos o consideram como o fundador da física moderna, pôr ter ensinado a procurar as leis da natureza, não por argumentos abstratos, mas pela observação dos fenômenos e pelo inteligente uso da experiência sistemática. Conta-se que aos 19 anos, na catedral de Pisa, ele observava os balanços de um lampadário pendurado da abóbada e notou a duração igual das oscilações. Por repetidas experiências descobriu as leis do pêndulo. Também estabeleceu as leis fundamentais da mecânica, descobriu o fenômeno importante da inércia da matéria. Não se pode passar seu nome em silêncio, quando se fala do termômetro, do microscópio e da luneta.

A primeira descoberta da luneta deve-se a um ótico holandês. Em 1609 Galilei recebeu a notícia; foi quanto lhe bastava para em breve descobri-la por si. Teve a idéia feliz de dirigi-la para o céu. Pela primeira vez na história da humanidade armou-se a vista humana, aumentou-se seu poder visual na contemplação de segredos, ocultos desde a criação. Os resultados foram estupendos. Quem descreve a emoção do observador quando descobriu manchas no disco luzente do sol, quando constatou que a terra não é um globo liso, mas coberto de altas

montanhas e serras, entremeadas de planícies. Os planetas, até então só conhecidos como pontos luminosos, apareciam aumentados na luneta de Galilei.

Além disto Vênus apresentava fases de crescente e cheia, como a lua. Marte aparecia maior e menor, Júpiter estava rodeado por quatro "planetas" (luas) e Saturno apresentava forma alongada ou até tripla. Dirigindo sua luneta para as estrelas fixas, Galilei constatou a presença de muitíssimas estrelas cuja existência era sempre negada; em particular a Via Láctea não apresentava um clarão leitoso, uniforme, mas era um conjunto de imensas nuvens de estrelas.

Não imaginamos o alvoroço que se apoderou de todo o mundo civilizado, quando Galilei divulgou suas descobertas. As novidades eram de molde a mudar profundamente a visão do universo, estabelecida pelo sábio grego Aristóteles (384-322 A.C.) e pelos célebres astrônomos, Hiparco (130 A.C.) e Ptolomeu (150 A.C.).

Em breve o professor de física, até então só conhecido em círculo mais íntimo, alcançou fama mundial. Príncipes queriam ouvi-lo; nenhum auditório podia receber as massas de estudantes que afluíam a Pádua, atraídos pela fama de Galilei. Em toda a Europa comentava-se as incríveis novidades. Eram mesmo incríveis, e entre os intelectuais a primeira reação não era de entusiasmo, mas de ceticismo e incredulidade. Para compreender os acontecimentos posteriores, é forçoso considerar a imensa dificuldade dos contemporâneos de Galilei de abandonar convicções que reinavam

inconcussas desde séculos e até milênios. O homem moderno, pronto a admitir cada dia novas opiniões científicas, dificilmente se dá conta da constância de convicções em tempos passados. Os argumentos tirados da tradição são hoje considerados como suspeitos ou simplesmente errados, mas nos tempos de Galilei as doutrinas tradicionais eram respeitadas e para muitos se ligavam as visões filosóficas, que incluíam o reduzido cabedal científico daquele tempo, com as doutrinas religiosas, num edifício único e coeso. Atacar uma parte significava perigo para todo o conjunto.

Citemos só um exemplo. 1624 em Paris. A Sorbonne censura algumas teses dirigidas contra Aristóteles. O Parlamento manda rasgar as teses, exila o autor de Paris e de todos, os lugares sob sua jurisdição e proíbe a todos, sob pena de morte, de sustentar ou ensinar princípios contrários aos antigos e provados autores (Cf. Jourdain, Hist. Universitatis Paris. saec. 16 et 17). De certo esta decisão vai muito além dos decretos romanos contra Copérnico e Galilei. Por que se cita sempre o erro da Inquisição e nunca o da Sorbonne?

Galilei combatia Aristóteles: Em Paris o teriam condenado à morte.

Galilei, por sua vez, não era homem do seu tempo, mas homem do futuro. Não admitia tradição, não aceitava argumentos "ex auctoritate", não queria jurar "in verba magistri". Queria pessoalmente averiguar, experimentar, deduzir, admitir não o que se afirmava, mas o que os fatos, a natureza lhe demonstravam. Com intuição genial, que infelizmente não excluía obcecação apaixonada, ele

via e seguia os métodos científicos do futuro. Não compreendia seu tempo, nem era mesmo compreendido pelos contemporâneos.

Assim se desencadeou uma luta, em que Galilei estava com a verdade; mas no ardor da luta ele se deixou arrastar a defendê-la com todos os meios, ataques irônicos, provocações e argumentos errados. Era combativo, querendo vencer a todo o transe, sem permitir que a evidência da verdade convencesse lentamente seus adversários.

A oposição já começou quando se espalharam os primeiros boatos das novas descobertas, devidos a cartas e comunicações orais de Galilei, antes de aparecer seu livro sensacional *Sidereus Nuntius*.

Em carta escrita em 19-4-1610 ao mesmo Galilei, o grande astrônomo Kepler confessou a sua reação inicial, quando em Praga um conselheiro do imperador lhe deu as primeiras notícias:

"Estávamos tão surpreendidos e admirados deste boato irrazoável, que nosso riso alegre não queria terminar enquanto ele contava e eu escutava... e nosso assombro crescia ainda quando ele afirmou que havia gente eminente em sabedoria, seriedade e de juízo seguro, muito acima do povo comum, que contava tal coisa de Galileu, e que o livro já estava no prelo..."

Do mesmo modo mostrava-se incrédulo Magini, astrônomo em Mântua. "Parece-me uma coisa ridícula, a

destes quatro planetas que Galilei faz circular em redor do planeta (Júpiter)". Mas Galilei não aturava contradição.

Passou uma noite em casa de Magini, 24 a 25-4-1610, para mostrar com sua luneta a mais de 20 sábios os satélites de Júpiter. O resultado foi negativo, pois como dois dias depois escreveu Martinho Horky a Kepler: Magini perseverou na sua obstinação "por ninguém os ter visto perfeitamente".

Também o jesuíta Cristóvão Grienberger, matemático no Colégio Romano, inventor da montagem paraláctica da luneta, confessa sinceramente sua incredulidade inicial, em carta ao próprio Galilei (22-1-1611) : "... Deu-se comigo o que se deu com muitos para não dizer com todos... tinha a suspeita que deveriam ser chamados planetas de vidro e não dos Medici (como Galilei os chamara em honra da casa reinante de Florença) ... Coisas tão incríveis não podem nem devem ser admitidas com credulidade. E bem sei como é difícil renunciar a opiniões, sustentadas desde tantos séculos pela autoridade de tantos sábios. Em verdade se eu mesmo - enquanto operarem os instrumentos em Roma - não tivesse visto com meus próprios olhos as maravilhas que vós anunciais ao mundo, não sei se desde já teria assentido a vossas razões".

Como Grienberger, também Magini e Kepler escreveram finalmente a Galilei, reconhecendo-se vencidos pela evidência dos fatos.

Kepler o fez com grande entusiasmo; "Reconheço que aos filósofos e astrônomos, e se não me engano também a mim mesmo, se apresentam grandiosas e maravilhosas

perspectivas; vejo que todos que anelam à verdadeira filosofia, são chamados a elevadas contemplações".

Vivia ainda em Roma o Pe. Cristóvão Clavius, o grande protagonista da reforma do calendário (1582), chamado o Euclides do século XVI.

Galilei estimava muito o grande sábio, esperava ansiosamente sua aprovação e quando recebeu a desejada carta, escreveu entusiasmado ao célebre matemático (30-12-1610): "A carta de V. R. foi-me tanto mais agradável quanto mais à desejava e menos a esperava. Recebi-a estando enfermo, mas ela me confortou, trazendo-me um testemunho tão precioso pela verdade das minhas recentes observações. A apresentação deste testemunho convenceu alguns incrédulos, porém os mais obstinados perseveraram na sua oposição e consideram a vossa carta como falsificada ou escrita por mera complacência. De certo eles esperam que eu encontre meio de trazer pelo menos um dos quatro "Planetas Medici" do céu à terra, para lhes dar conta da sua existência, e tirar toda dúvida..." Mais um tópico importante da mesma carta fala dos planetas inferiores e remata: "...e assim, Sr., temos exposto que Vênus (e sem dúvida também Mercúrio o faz) circula em redor do sol, indubitavelmente o centro das revoluções de todos os planetas..."

Pouco depois morreu o sábio amigo. Porém, antes de morrer, ainda teve ocasião de acrescentar um suplemento à edição das suas obras completas.

Menciona as descobertas de Galilei e recomenda aos astrônomos de revisar suas idéias.

Referindo-se a esta recomendação escreve o grande Kepler (Epítome Astronomiae Copernicanae): "...após o prolongado nevoeiro das opiniões comuns, irrompeu finalmente o raio puro da verdade... Esta verdade impressionou e convenceu aquele mestre, defensor da antiga astronomia, Cristóvão Clavius. Quando, já vizinho da morte, viu as estrelas galileianas rodear a Júpiter, a Vênus contraída em foice e outras novidades, ele recomendou aos astrônomos de finalmente ponderar como deviam ser constituídas as esferas celestes para se não contradizer a estes fenômenos, insinuando estarem votadas à morte as antigas hipóteses".

Também Cristóvão Clavius não se rendera sem relutância. Com ele concordavam os seus confrades na Itália. Com uma cínica exceção, todos admiravam a Galilei e suas descobertas, e por seu lado o sábio pisano reconheceu sincera e gratamente o apoio valioso daquela companhia (Carta a Frederico Cesi, 19-12-1611).

Pelos testemunhos alegados vemos qual foi, no mundo científico, a aceitação das descobertas de Galilei. Os homens mais eminentes e competentes da época, um Kepler, Clavius, Grienberger, Magini dobraram-se finalmente diante da evidência da verdade. Mas também confessaram com a mesma franqueza que só fatos e não teorias ou argumentos os puderam vencer. O que será, quando mais tarde Galilei defender teorias ainda não provadas e evidentes?

Entretanto muitos espíritos, menos clarividentes, preferiam perseverar na incredulidade. Na resposta a Clavius, Galilei mencionou tais adversários obstinados. A estes pertencia também um jesuíta de Mântua. Num discurso pronunciado em público ele opinou que "sob a argumentação de Galilei se escondia a serpente do engano". Tratava-se das montanhas da lua. Um colega, Pe. Biancani, professor de matemática em Parma, recomendara em vão ao orador de omitir aquelas palavras. Em seguida o mesmo Pe.

Biancani e o Pe. Grienberger escreveram a Galilei desaprovando aquele ataque. Galilei mostrou-se sinceramente agradecido.

Não faltaram outras oposições de espíritos acanhados, rebeldes à evidência. O acadêmico Martinho Horky, ao que parece amigo de Magini, participou da incredulidade do astrônomo de Mântua, mas não de sua conversão. Publicou um panfleto contra Galilei. O mesmo fez o fidalgo Francesco Sizzi de Florença. Por ocasião de sua visita aos jesuítas em Roma, Galilei encontrou os matemáticos do Colégio Romano, Clavius, Grienberger, Van Malote, lendo e comentando com hilaridade as "argumentações pueris" de Sizzi.

Aquelas vozes de oposição tiveram que emudecer em breve diante dos fatos. O feliz descobridor tornou-se repentinamente o homem mais célebre do seu tempo. Nas cortes e universidades eram reconhecidos seus méritos. Em particular foi honrado em Roma, quando ali

chegou em 29-3-1611, para demonstrar as novidades do céu com sua "ótima luneta" e granjear adeptos da doutrina copernicana.

Raras vezes em Roma um sábio recebeu tantas demonstrações de apreço como Galilei. Na residência do Cardeal Bandini, no palácio de Frederico Cesi e em outros lugares viu-se rodeado e aclamado pela elite do estado pontifício. Em 25 de Abril foi solenemente admitido na Academia dei Lincei fundada por Cesi. Três dias antes o Papa Paulo V o tinha recebido em prolongada audiência. No Colégio Romano foi festejado por solene academia, em presença de numerosos patrícios, condes, duques, cientistas, prelados e pelo menos três cardeais. Cristóvão Clavius estava ausente, impedido pela velhice e doença. Em seu lugar falou o Pe. Grienberger. Relatou as novidades inauditas, reveladas ao mundo pelo Sidereus Nuntius (mensageiro das estrelas) do patrício florentino Galilei, o mais célebre e fecundo astrônomo do seu tempo... Não faltava gente que duvidasse ou se risse destas novidades; pelo que chegava agora ele próprio; o orador, para confirmar a verdade, como segundo mensageiro e testemunha ocular, tendo observado, sem sombra de erro, as mesmas maravilhas com a luneta do Pe. Clavius. O orador leu também a carta do sábio florentino ao Pe. Clavius, sem omitir a afirmação de estar agora definitivamente provado que Vênus circula em redor do sol. Prudente, o Pe. Grienberger termina com estas palavras: "Acabo de expor os fatos, deixo a outros tirar as conclusões".

Tantas honras conferidas na cidade eterna, "em face do mundo inteiro", segundo uma expressão do próprio Galilei, teriam bastado para estontear pessoas menos sensíveis a honrarias do que o matemático de Florença. Resolveu conservar e aumentar esta fama, levando ao reconhecimento universal o sistema de Copérnico. Antes de suas descobertas sensacionais ele ensinara, durante 20 anos, a astronomia segundo o sistema de Ptolomeu, em que os planetas se moviam em órbitas compostas de dois círculos. O próprio planeta girava numa pequena órbita, epiciclo, cujo centro se transladava numa órbita maior, diferente, tendo esta como centro a terra. A terra era o centro do mundo.

Até a idade de 45 anos Galilei se interessava pouco pela astronomia, nem se importava da exatidão ou falsidade do sistema que ensinava.

Esta disposição mudou repentinamente quando a luneta lhe revelou fenômenos que estavam em contradição com Ptolomeu. Os "Planetas Medici", os satélites de Júpiter, provavam a existência de corpos celestes que circulavam em redor de outro corpo e não da terra. A terra não era pois o centro absoluto do universo. De agora em diante ninguém poderia mais negar aos planetas a possibilidade de girar em redor de outro corpo, p. ex., em redor do sol, se havia de fato planetas que giravam até em redor de Júpiter, muito menor do que o sol, e se Júpiter levava satélites, também a terra podia levar a lua, possibilidade até então negada, por ser ainda desconhecida a lei da gravitação universal.

Vênus apresentava fases de crescente, cheia, minguante, exatamente como a lua. Também este fenômeno contradizia os antigos conceitos. Só um corpo escuro iluminado por outro pode apresentar fases.

Portanto Vênus não era luminosa por si mesma, não era da matéria indelével, do "elemento fogo", como queriam os antigos. E para apresentar as diferentes fases, Vênus devia-se colocar ora aquém do sol (Vênus crescente e minguante), ora além do sol (Vênus cheia); em outras palavras, Vênus devia girar em redor do sol e não da terra. Este argumento era convincente para os matemáticos e astrônomos, mas exasperava os depositários das antigas tradições; é o que se deduz das palavras que o jesuíta Gregório de S. Vicente escreveu ao célebre astrônomo holandês Huygens: "Que Vênus rodeia o sol, o temos demonstrado manifestamente, não sem murmúrio dos filósofos".

Na rica literatura que, nos últimos três séculos, versou sobre o caso Galilei, discordam os autores se o feliz descobridor de tantas novidades estava intimamente convencido da exatidão do sistema de Copérnico. Devemos admitir que ao menos no princípio as suas descobertas, o convenceram neste sentido, pensando já possuir provas convincentes. Também não duvidamos que a luta em perspectiva provocava sua índole belicosa.

Começou pois a executar seu plano de fazer triunfar o sistema de Copérnico.

Apenas ficou conhecida a nova orientação de Galilei, também se levantou nova oposição. De certo modo até a oposição o preveniu.

Galilei a tinha provocado desde longos anos. Consciente de sua superioridade intelectual, orgulhoso e arrogante, ele sempre fora combativo e provocante. Como professor em Pisa e Pádua, seus colegas se ofendiam com os ataques irônicos que levantava contra a filosofia aristotélica. Foi também um colega, Boscaglia, que revidou com o primeiro contra-ataque. A mesa do grão-duque de Florença, ele segredou à duquesa-mãe que o sistema de Copérnico era contrário à Sagrada Escritura. A consequência foi uma calorosa disputa teológica, em que o beneditino Castelli, discípulo, grande admirador e amigo de Galilei, tomou a defesa do novo sistema e do seu mestre. Todos, fora a velha duquesa, deixaram-se convencer.

E' típico, para o caráter de Galilei, que a resistência daquela idosa senhora não mais lhe deu sossego.

Escreveu uma longa carta a Castelli, destinada a larga publicidade. Não faltava o tom provocador e, o que era mais funesto, pela primeira vez o leigo se intrometeu em questão teológica, expondo que "a Sagrada Escritura não podia errar, mas sim seus intérpretes. Estes deviam pois adaptar suas interpretações aos resultados certos das ciências naturais. Era um abuso consultar primeiro a Sagrada Escritura quando se tratava de verdades que só de longe se relacionavam com a fé religiosa".

Fora dado o passo trágico. Galilei não voltará para trás. Chamou ao plano um novo grupo de adversários, os teólogos, e por sua vez, a nova oposição provocará cada vez mais o espírito combativo do defensor de Copérnico;